

Irene

(Uma mensagem póstuma)

Paulo Nathanael Pereira de Souza

Sua longa agonia foi um painel de pequenas e sucessivas torturas. No decorrer dos últimos cinco anos, seu sofrimento cresceu gradativamente, intensificou-se e, como um errático ferro em brasa, foi migrando incessantemente de um lugar para o outro, nesse seu corpo enfermo e combalido. Era tanto um sofrimento físico como de alma, nascido este da consciência crescente em seu espírito de que uma sentença de morte fora lavrada pelo infortúnio em seu devir. Em agônico silêncio, meio escondido para não ser visto, assistia eu, de longe, a seu pranto desesperado, que entre soluços e gemidos, como uma criança em desamparo, fazia correr lágrimas em regato sobre faces vincadas, pondo-me no coração o desespero da impotência e, em todo o meu ser, uma vontade louca de morrer primeiro. Seus olhos tristes, antes brilhantes e brejeiros, complementos do eterno sorriso, que sempre lhe emoldurou o rosto, haviam murchado há tempos, e na melancolia que deles se desprendia, parecia sobrenadar o medo e a insegurança da ovelha à entrada do matadouro! Expressavam a incerteza do dia seguinte, mas sem jamais perder a serenidade e a dignidade, que foram sempre seus apanágios desde que a doença se manifestou.

Seu sofrido olhar de mulher alvejada pelo destino, adquiria ao ver-me, um estranho e comovente lampejo, como a dizer, no silêncio de uma fala que de há muito se lhe extinguiu na garganta: “Meu amor, por Deus, me ajude!”.

E eu, sem nada poder fazer, a não ser chorar pelos cantos, antecipando a dor de sua perda, que tão próxima estava e eu não sabia...

Vendo-a sentada, ereta, em sua cadeira de rodas, ou deitada, de costas, em sua cama hospitalar, sempre com duas cuidadoras ao lado, solícitas e amigáveis como anjos de plantão no seu caminho para o céu, perguntava-me em silêncio o tempo todo: “Onde foi parar

a companheira que por mais de meio século alegrou, iluminou e deu sentido a minha vida? Por que teria Deus colocado em seu lugar esta outra figura, alquebrada pela enfermidade e envelhecida pelos anos, como se a mim, ou a ela própria, quisesse castigar por algo que sua onisciência divina reprovava? E por que teria eu esta insuspeitada capacidade de amar, com redobrada ternura, a que estava a morrer, no lugar da que, na juventude, por sua deslumbrante beleza, me conquistara o coração?”. São mistérios que a razão não explica, mas que dão à vida um sentido pungente de emoções jamais imaginadas. A plenitude do amor se manifesta não à primeira, mas, sim, à última vista, quando o convívio de toda uma existência possibilita ao casal a mágica transferência do afeto, que, como um roseiral em flores, afunda suas raízes em ambos os corações. Irene, seu nome é paz, e essa sua paz foi, por todo o tempo do nosso consórcio, um refrigerio para as minhas inquietudes! Você me ensinou a ver a bondade onde prevalecia a maldade, a ser tolerante onde o ódio circulava, a ter paciência onde a pressa imperava e a perdoar as faltas onde o pecado grassava. E já no fim dos seus dias, em meio às dores lancinantes das horas terminais de sua vida, essa paz transfigurou-se, para minha surpresa, em sua arma de luta contra a morte. E, na busca de uns minutos a mais de sobrevivência, pude vê-la convertida em guerreira, com aqueles seus olhos esbugalhados, sua expressão contraída, sua respiração entrecortada pela asfixia, na sua ânsia incontida de tocar-me e de sentir a lágrima ardente de meu pranto, enquanto desfalecia aos poucos nos meus braços. Ali jazia você na sua inútil armadura, desconjuntada em meio à batalha perdida, a entregar a alma ao Criador. Morreu como vivera: com coragem, desprendimento, dignidade e meiguice.

Queira Deus conservá-la a seu lado até o dia em que consiga eu aí chegar, para reatarmos em nosso coração a indestrutível eternidade do nosso amor. Saudades!

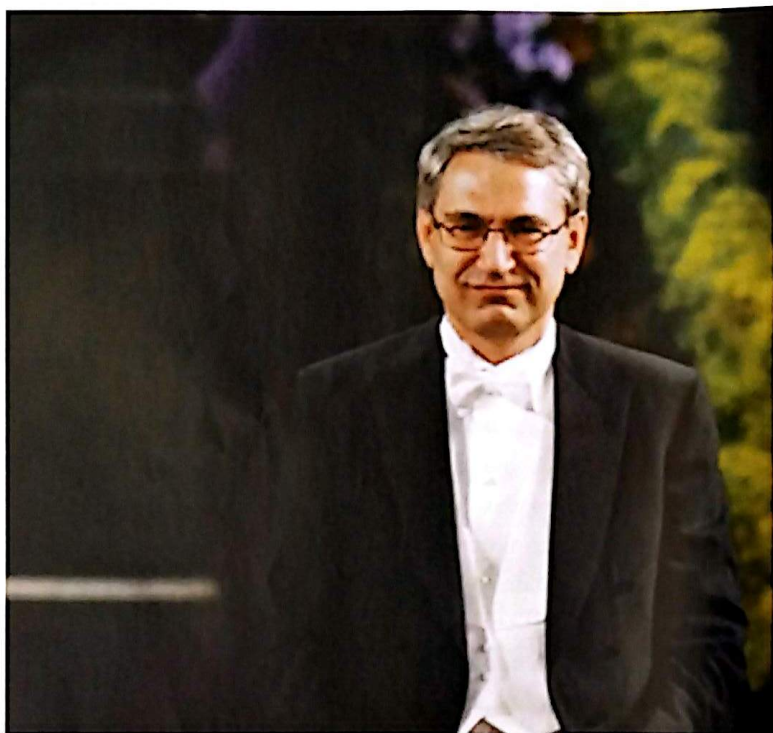
Paulo Nathanael Pereira de Souza
(na noite de sua morte, seu velório
e seu sepultamento, minha cara esposa!)

Aprendendo com Orhan Pamuk

Helio Begliomini

*"Escrever é uma percepção do espírito.
É um trabalho ingrato que leva à solidão".*

Blaise Cendrars (1887-1961), escritor francês.



Ferit Orhan Pamuk nasceu em Istambul, Turquia, em 7 de junho de 1952, contando atualmente com 55 anos. Oriundo de uma grande e aquinhoada família pôde estudar além-fronteiras.

Desde a sua juventude mostrou ser amante das artes plásticas. Começou a cursar arquitetura, mas acabou por se licenciar em jornalismo pela Universidade de Istambul. Entretanto, nunca chegou a exercer a profissão, pois aos 22 anos, decidiu dedicar-se em tempo integral à escrita. O seu primeiro romance, *Cevdet Bey and his sons*, foi publicado sete anos depois, em 1982, reconhecido por meio de dois prêmios literários da Turquia. No ano seguinte, foi publicada a obra *The silent house*, que conquistou, na França, o *Prix de la Découverte Européenne*. O livro que marcou sua ascensão no mercado literário internacional foi *Cidadela*

branca, publicado em 1985, na Turquia, e, no ano 2000, em Portugal.

Seus textos retratam as vivências turcas, as desigualdades entre os cidadãos da atual Istambul, assim como as comparações feitas entre a Turquia otomana e a Turquia moderna.

Entre 1985 e 1988, Pamuk foi professor convidado da conceituadíssima Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Foi nessa metrópole que Orhan Pamuk escreveu grande parte do livro *Os jardins da memória*, distinguido na França com o *Prix France Culture*. Essa foi a obra que o consolidou como autor de reputação internacional.

Seu romance *A vida nova* é um dos livros mais lidos em seu país. Retrata a obsessão de um jovem estudante por um livro mágico. A essa obra seguiram-se *Meu nome é vermelho* — distinguida com três prestigiados prêmios literários internacionais — é uma de suas mais afamadas produções. Trata-se de um romance que se passa no século XVI, na Turquia, no qual se mesclam mistério e amor. *Snow* é um livro de memórias da cidade em que o autor nasceu e tem vivido a maior parte de sua vida.

Sua carreira nas letras tem sido muito bem-sucedida, tornando-se, na atualidade, o maior romancista turco. Sua fama ultrapassou as fronteiras de seu país, pois seus livros já foram traduzidos para mais de trinta vernáculos, hoje presentes em mais de 40 países.

Entretanto, teve igualmente uma projeção sinistra. Em um artigo de sua autoria, publicado em jornal suíço, acusou seu país da prática de genocídio contra os armênios, após a Primeira Grande Guerra Mundial, pelo assassinato de 30 mil curdos. Se por um lado teve que enfrentar a justiça turca em tribunais, por outro, seu nome percorreu o mundo, tamanha foi a repercussão a seu favor que esse caso suscitou.

Infelizmente, em fevereiro de 2007, indignado com o assassinato do jornalista e escritor Hrant Dink por um fanático nacionalista, que também o ameaçou, resolveu deixar a Turquia por tempo indeterminado.

Os livros e o trabalho Orhan Pamuk têm sido galardoados com diversos prêmios literários de projeção internacional. Além dos já assinalados, recebeu o Prêmio Internacional IMPAC, em Dublin (2003); o Friedenspreis (2005) e o Prêmio Médicis para literatura estrangeira (2006).

Contudo, a consagração máxima em sua vida ocorreu aos 54 anos, em 2006, pela outorga do Prêmio Nobel de Literatura, sendo o primeiro de sua terra natal a recebê-lo. Assim, justificou o Comitê do Nobel: *"em busca da alma melancólica da sua terra natal encontrou novas imagens espirituais para o combate e para o cruzamento de culturas"*.

Lendo a tradução do discurso que proferiu por ocasião da solenidade magna da entrega do Prêmio Nobel, chamou-me atenção não por ter sido longo, erudito ou rebuscado, ao contrário, elaborou-o em um linguajar coloquialmente simples, como as grandes verdades da vida, prendendo naturalmente a atenção do ouvinte ou do leitor.

O fulcro de sua fala desenrolou mostrando o seu bom relacionamento com seu pai, a quem sempre o apoiou como escritor, muito antes de sua fama. Abordou com suspense e reflexões um fato que muito o marcou. Seu pai havia lhe deixado uma pequena valise, contendo manuscritos e cadernos, pois já vislumbrava o término de seu tempo. Pedia para que bem a guardasse e a abrisse somente após sua derradeira partida.

Relutava em abri-la por temor de descobrir que seu pai pudesse ser um bom escritor, pois desejava que ele fosse apenas seu pai. Nesse impasse ele afirma que o *"segredo do escritor não é inspiração — pois nunca está claro de onde ela vem —, é a sua teimosia, a sua paciência"*.

Confessou que seu pai tivera uma grande biblioteca e que em sua mocidade desejara ser um poeta em Istambul. Ademais, reconheceu que ele jamais esquecera de muito lhe falar dos escritores mundiais, dos paxás e dos grandes líderes religiosos. Contudo, questionou como seria possível ao seu pai ser um escritor se este não era afeito à solidão assim como ele, Pamuk. Ao contrário, seu pai amava as multidões, as companhias, misturando-se com

amigos e partilhando piadas. Daí, define que *"escrever é transformar o olhar para dentro em palavras, estudar o mundo em que essa pessoa entra quando se retira para dentro de si, e fazê-lo com paciência, obstinação e alegria"*. Por conseguinte, refere que *"um autor tenta por anos descobrir o segundo ser dentro dele"*.

Em outras palavras, Pamuk aproveitava esse fato para reafirmar uma grande verdade atinente a todo(a) aquele(a) que extravasa na escrita suas idéias ou os seus sentimentos. O escritor é um ser solitário, ou melhor, produz sua obra no interior de sua solidão, consigo, na intimidade casta de seu ser, sem mais ninguém, não deixando de ser aquilo que escreve, que evidencia, que manifesta aos outros, um presente muito original, pois é parte de sua vivência ou até mesmo um pedaço de si.

Pamuk, após muitas conjecturas e ponderações, não se conteve e abriu a valise dias após, fato esse percebido e apreciado caladamente por seu pai em visita realizada na semana seguinte. Não chegou a explicitar o seu teor, mas, veladamente, sugeriu que ela continha escritos pessoais não compartilhados que seu pai tivera feito ao largo da vida.

Nas entrelinhas dessa cena percebemos não apenas uma influência genética na verve literária de Pamuk, mas também ratifica-nos que todo artista e, particularmente, o escritor, pode se perpetuar no tempo e atravessar virtualmente mundos geográficos díspares — germen da imortalidade e do reconhecimento a que todo ser humano aspira —, tão longo quanto forem preservadas e divulgadas suas obras.

Helio Begliomini

Presidente da Sociedade Brasileira
de Médicos Escritores — Regional
do Estado de São Paulo (2007-2008)

Departamento de Cirurgia

"Sua História"

Fares Rahal — E.C.B.C

Em documentos existentes no Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP) consta: "Em 24 de outubro de 1962, deu entrada no MEC requerimento da Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho solicitando inspeção prévia das instalações a fim de ser autorizado o funcionamento dos cursos da FCMSCSP, a se instalarem nos hospitais da Santa Casa de Misericórdia, com anuência do seu ilustre provedor Dr. Christiano Altenfelder Silva e da egrégia mesa administrativa".

Por determinação do Conselho de Orientação Científica da época (professores Zeferino Vaz, Oscar Monteiro de Barros, Eduardo Costa Manso, Walter Edgard Maffei e Emilio Athie) foi nomeado diretor executivo da FCMSCSP o professor Emilio Athie, posteriormente indicado para a chefia do Departamento de Clínica Cirúrgica, escolhas referendadas pelo provedor Dr. Christiano Altenfelder Silva.

Na época, escreveu Athie: "entre as características norteadoras do ensino nas Ciências Médicas da Santa Casa, eram pontos fundamentais: escola sem cátedras, departamentos básicos e clínicos dentro do hospital com chefes renováveis e apoio recíproco entre as disciplinas, professores e diretores em tempo integral". Dessa forma, criaram-se os departamentos na Santa Casa, inclusive o Departamento de Cirurgia. Além disso, foram instituídos os roteiros da graduação, residência, pós-graduação e especialização, os quais, com supervisão em tempo integral, deveriam ser mantidos.

E assim iniciou-se o Departamento de Cirurgia moderno na essência, diferentemente das cátedras vitalícias em voga na época.

O provedor Dr. Christiano Altenfelder Silva indicou o 1º diretor do Departamento de Cirurgia, o prof. Emilio Athie.

Diretor de 1962 a 1984, Athie superou enormes obstáculos para a consolidação do departamento. A assistência médica era prestada em enfermarias, verdadeiros feudos dos seus chefes médicos. Era necessário acomodar, no novel departamento, as enfermarias de cirurgia de homens e de mulheres existentes. Graças à atitude conciliadora de Athie, associada à determinação do senhor provedor, obstáculos foram vencidos. Não todos. Havia dissidências por fim su-

peradas. A princípio, o departamento era constituído pela 2ª e 3ª enfermarias de Cirurgia de Homens. Posteriormente, o Serviço de Gastroenterologia, então no pavilhão Conde de Lara, e, por fim, a enfermaria de Cirurgia do Tórax e a 1ª Cirurgia de Homens juntaram-se ao Departamento de Cirurgia.

Somente um homem com a visão de Athie conseguiria cooptar os mais destacados cirurgiões da época que militavam na Santa Casa e incutir-lhes o alto espírito da departamentalização. Athie, brilhante cirurgião, fez sobressair a cirurgia geral e insistiu: "para ensinar na graduação não cabe a superespecialização. Esta deve ser reservada para a pós-graduação e a número restrito de candidatos". Incutiu em todos a importância do cirurgião geral. Formou muitos assistentes, todos excelentes cirurgiões gerais.

Estabeleceu a residência no Departamento de Cirurgia e criou a disciplina de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental. Os doentes com indicação cirúrgica eram internados em qualquer dos grupos de cirurgia. Esquematizou o funcionamento: visitas e centro cirúrgico diários, reuniões vespertinas com apresentação de temas e discussão de casos pelos grupos ou áreas. Criou a reunião geral do departamento, às quintas-feiras pela manhã, que recebeu o nome de Alípio Correa Neto, em homenagem ao mestre que Athie convidou para participar do departamento quando de sua aposentadoria da cátedra da 1ª Clínica Cirúrgica da USP.

O professor Alípio presidiu as reuniões, operou alguns doentes e honrou o departamento durante aproximadamente 20 anos.

O departamento floresceu graças ao entusiasmo e dedicação dos médicos, quase todos em tempo integral.

Na década de 1970, a maioria dos professores titulares e cirurgiões de escolas médicas da época participaram como professores convidados das atividades departamentais, seja operando, ministrando aulas ou conferências. Citamos Fernando Paulino, Arrigo Antonio Raia, Edmundo Vasconcelos, Mario Ramos de Oliveira, Giocondo Villanova Artigas, Pier Luigi Castelfranchi, Fabio Schmidt Goffi, Ruy Ferreira Santos, Daher Cutait, Manlio Basilio Speranzini, os quais engrandeceram o departamento com suas presenças.

O ano de 1974 foi marcante para o departamento. A Lei Federal da época permitiu o concurso de livre-docência na faculdade. Vários assistentes do Departamento de Cirurgia o prestaram. João Fava, Fares Rahal, Peretz Capelhuchinik, Carlos Estevão Frimm, Jorge Nagib Amary, Ruy Raul Dahas Carvalho. Concursos brilhantes com bancas examinadoras de alto gabarito que valorizaram os candidatos. Todos aprovados com distinção.

O departamento destacou-se sobremaneira no meio universitário. Os seus médicos livres-docentes passaram a ser convidados por outras escolas de Medicina a tomar parte de cursos, de comissões julgadoras e de congressos.

Na antevisão do futuro, Athie determinou aos doutores Armando de Cápua Jr. e Samir Rasslan, jovens assistentes: "Vão à Escola Paulista de Medicina e só voltem com o título de mestre". E assim o fizeram.

Esses fatos propiciaram outra conquista marcante: a criação e aprovação dos cursos de pós-graduação em cirurgia do aparelho digestivo, em 1976, e de cirurgia geral, em 1982, na FCMSCSP. Ex-alunos, ex-residentes assistentes de outras faculdades se inscreveram e várias dissertações de mestrado e teses de doutorado foram defendidas.

Athie deixou por vontade própria a direção do Departamento de Cirurgia, em 1984, antes de completar o triênio regulamentar em curso.

Substitui-o João Fava, que permaneceu até 1987. Nessa gestão foram estabelecidas ou mantidas as seguintes áreas com as respectivas especialidades, sem olvidar a cirurgia geral:

Área I — Vias Biliares e Pâncreas.

Área II — Fígado e Hipertensão Portal.

Área III — Esôfago.

Área IV — Coloproctologia.

Área V — Estômago Duodeno — Hérnias e Tiroíde.

Além disso, as seguintes disciplinas: Cirurgia Plástica, Urologia, Cirurgia Vascular, Neurocirurgia, Cirurgia Torácica e Cirurgia Cardíaca.

Foi uma gestão profícua com ênfase também no ensino dos residentes. Formaram-se inúmeros bons cirurgiões. Brilhante cirurgião, Fava impôs direção séria e realizadora.

Sucedido por José Mandia Neto (com mandato de 1987 à 1990), cirurgião geral e coloproctologista, homem afável e que manteve o equilíbrio dinâmico entre todos no Departamento de Cirurgia.

Valorizou sobremaneira o médico, lutou e manteve o espírito da residência médica e enfrentou as dificuldades com inteligência, discernimento e bom senso.

Depois de Mandia, em 1990, João Fava assumiu novamente. Repetiu a sua gestão anterior e deixou a chefia em 1991 por ter sido indicado Diretor da FCMSCSP.

Designado chefe do departamento, Fares Rahal completou o triênio anterior e continuou até 1996.

Nesses anos, titularam-se mestre ou doutor quase todos os assistentes do departamento. Realizaram-se concursos de livre-docência e de professor titular.

Criou-se a disciplina de face e pescoço, posteriormente designada cabeça e pescoço. A ela agregaram-se a cirurgia buco-maxilo-facial e cirurgia oral menor, praticadas no Serviço de Odontologia da Santa Casa.

Montou-se com inestimável auxílio e dedicação do Dr. Waldir Ignácio a laparoscopia moderna como nova modalidade cirúrgica. Todos os membros do departamento puderam aprender essa nova via de acesso abdominal. Foi o primeiro serviço universitário que instalou um serviço de tal monta e importância.

Vários professores de outras faculdades aprenderam a cirurgia por via laparoscópica no departamento.

Após 1996, foram indicados ex-alunos titulados e ex-residentes para chefes do Departamento de Cirurgia da FCMSCSP. Assumiram:

Armando de Cápua Jr. — 1996 a 2002.

Luiz Arnaldo Szutan — 2002 a 2005.

Adhemar Monteiro Pacheco Jr. — 2005 a 2006.

Carlos Alberto Malheiros — a partir de 2006.

Cada um manteve com sua personalidade as mesmas diretrizes que norteavam o departamento até então. As áreas e disciplinas continuaram sempre atualizadas.

O colegiado, órgão formado pelos chefes de áreas e disciplinas, criado à época da gestão João Fava e mantido pelos demais, continuou com a função de discutir os problemas que surgissem, traçar normas e apoiar o chefe do departamento.

O ensino continua ágil, atuante, com o escopo de atender bem o doente e incutir os princípios de dignidade e ética aos seus alunos e residentes.

Fares Rahal — E.C.B.C

*Professor titular livre-docente de clínica cirúrgica
do departamento de cirurgia da FCMSCSP*

Existência

José Carlos Barbuio

Na semana passada saí com minha filha, de 10 anos. Quando tomamos o elevador do prédio onde moro, que tem um espelho enorme, ela se olhou detidamente e disse: “Pai, você já reparou como nós somos estranhos? Temos uns dedos longos nas mãos... tudo muito esquisito”. Segurei-me para não rir. Passado algum tempo, comecei a refletir sobre o que ela tinha dito e fiquei satisfeito. Era um comentário de uma *pessoa* que estava prestando atenção no que ocorria à sua volta e que demonstrou ter um espaço interno do qual ela podia olhar para si e para o mundo, *com liberdade*. Tratava-se, em resumo, de um comentário *existencialista*. O que vem a ser isso? Existencialismo é uma corrente de pensamento iniciada pelo filósofo alemão Martin Heidegger, que privilegia a *existência*.

Quando perguntaram a Lutero o que ele faria se o mundo acabasse amanhã, ele respondeu: “Plantaria uma árvore”. Foi também uma resposta “existencialista”, não “utilitária”. O conceito-chave dessa filosofia é o viver consciente. Ser uma pessoa é diferente de ser uma coisa. Os filósofos dessa corrente afirmam que a existência do homem *precede* todo e qualquer outro sentido. Em outras palavras, o fato de que *sou é anterior à questão de saber “o que” sou*.

Para essa corrente, o homem precisa primeiro criar-se a si mesmo. Precisa criar sua própria *natureza*, sua própria *essência*. Embora esses filósofos afirmem que a vida não possui um sentido inato, não significa que nada importa, pois a vida deve *ter um sentido*. No entanto, nós é que temos de criá-lo. Existir significa criar a sua própria vida. Tais pensadores tentaram mostrar que a consciência não é nada até que *algo seja percebido*. Em outras palavras, é sempre consciência de alguma coisa. E depende de nós, como também de nosso meio, saber o que seja esta “alguma coisa”.

Ser existencialista seria “sentir” o mundo a sua volta, *perceber-se* e perceber. Sem “perceber” não encontramos nossa essência. Às vezes, sem notar, envolvemo-nos com questiúnculas, iniciamos uma briga interminável com um vizinho, por exemplo, afastando-nos do existir, do sentir, do viver. Torturamo-nos com o fato da cidadania italiana não ser aprovada pelo consulado (o que vou fazer nessa altura com um passaporte italiano?). Envolvemo-nos em uma procura estéril de uma felicidade que nunca está a nosso alcance. Vivemos procurando, em passado longínquo, lembranças idealizadas. Queremos subir na vida, brilhar, ser

o primeiro, o único, ganhar dinheiro, sem se importar com nossos semelhantes. Afastamo-nos das causas pelas quais seria válido depositar nossas energias e as nossas mais íntimas esperanças. *Conseqüentemente, vamos perdendo a vida e vamos esquecendo de “existir”*, assim como perdemos a oportunidade de ver o encantamento do mundo, as manhãs radiosas, as noites outonais estreladas, o doce e vagoroso crescimento dos filhos.

Ser “existencialista”, ainda segundo esses filósofos, também requer um certo *cuidado* e muita atenção, para que se possa ver (e sentir) os movimentos da história. No existencialismo só uma angústia é permitida: *a da dor de viver com plenitude a condição humana*.

No filme dirigido por Lindsay Anderson, “Baleias de Agosto” (1987), conta-se a história de duas irmãs idosas, as quais moram em uma pequena casa à beira-mar. O filme mostra que não existe drama nenhum que as atormente, ninguém morre, não há nenhuma violência, nem surpresas. Ele simplesmente apresenta a vida de duas pessoas, depois de terem vivido. Não lhes acontece nada de especial a não ser o fato de que elas viveram a vida. Mas para elas, assim como para *cada um de nós*, o que “aconteceu” foi a mais fascinante das experiências: *viver*. No começo, elas são mostradas jovens e despreocupadas, correndo pela praia, tentando ver as baleias que costumam ser portadoras de presságios que, na verdade, nunca se realizam. Trata-se simplesmente de ver as baleias, *sem qualquer finalidade*, apenas contemplá-las, deixá-las ser para nós, como uma *epifania*. Depois de algum tempo, estamos diante das mulheres já envelhecidas. Nada aconteceu nesse período — somente as coisas que costumam acontecer em uma vida comum: amor, alegrias, expectativas e frustrações. A vida passou de maneira simples e a condição humana se consumou. *Entretanto, esse “nada” que transcorreu é, paradoxalmente, tudo o que tinha que acontecer*.

José Carlos Barbuio
Advogado e escritor

Mulher e verso...

Walter Argento
(movimento poético nacional)

Este meu verso,
Todo cheio de ternura,
Chega a toda criatura,
Com frescor de primavera...
Vem da alma que o gera
E transpassa o coração...

Este meu verso,
Sobretudo solitário,
Tem o som de campanário,
O sofrer da nostalgia...
Não quer ser mera poesia,
Quase sendo uma canção...

Neste meu verso,
A mulher tem primazia,
Todo amor e simpatia
E o calor do meu afeto!
É meu refúgio secreto,
Minha herança e devoção!

Este meu verso,
Cresce aos olhos de quem amo,
É a fonte que reclamo,
O seu fruto e minha crença,
Pois, nele marco presença
Na mais ardente emoção!

Versos Tristes

Luiz Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

O Tempo, esse grande dizimador de sonhos,
vai nos compensando com a Saudade...

Luiz V. Décourt — O Professor — no dia 21 de maio,
passou a fazer parte dos meus não esquecidos.

Vi envelhecidas cruzes e lápides abandonadas,
Vi ciprestes tristes amarelados,
Vi flores mortas e folhas ressecadas,
Guardando o repouso dos adormecidos.

Vi nas datas cinquentenárias — multidão de
[esquecidos
E nas raras flores ainda espalhadas
Em mausoléus e covas rasas, vi a desigualdade
Que até no além separa a humanidade.

Mas ante os meus não esquecidos
Vi na imensidão azul, a verdade
E vi no silêncio, a eternidade...

Depois, pouco a pouco, a passo lento,
Ao olhar para trás vi a Saudade
Seguir-me à saída do Campo-Santo.

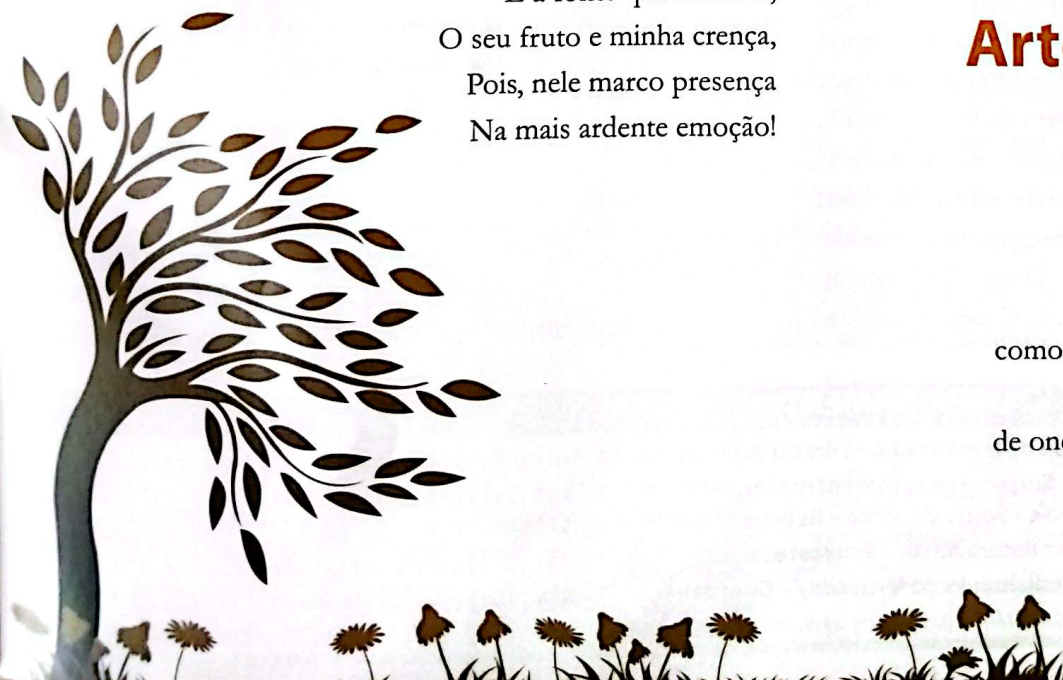
Arte – Poema

Carlos Alberto Pessoa Rosa

doce silêncio
que nos faz ouvir o som do infinito
como se ouvíssemos o mar em uma concha

de onde esses sons perenes como as folhas?

é esse feitiço da ilusão
que nos salva das aparições da mente
e cria o poema



Analogias em Medicina (n.17)

Cúpula azul na mama — Cúpula é a parte superior, côncava e interna de alguns edifícios. Também a parte superior, convexa, externa, de grandes edifícios, geralmente hemisférica e rematada pelo zimbório (taça em forma do fruto nenúfar, designação comum a diversas plantas da família das ninféaceas, ninféia, bandejas d'água).

A alteração fibrocística da mama é extremamente comum, sobretudo nas mulheres que estão no período reprodutivo, havendo estudos que a apontam em até 90% das mamas submetidas a exame anatomopatológico. Os cistos, resultantes da dilatação de ductos, são múltiplos e de vários tamanhos, desde os visíveis apenas microscopicamente até os mais volumosos, de um a cinco centímetros de diâmetro, observáveis a olho nu. Estes últimos contêm líquido marrom-claro ou sero-sanguinolento, que transmite uma coloração azulada por meio da parede dos cistos intactos e que se salientam como pequenas abóbodas ou cúpulas, ao se examinar secções do tecido mamário. Foram denominados cistos de cúpula azul pelo cirurgião norte-americano Joseph Colt Bloodgood, em 1929, em trabalho publicado no *Jama*: *Blue-domed cyst in chronic cystic mastitis*. Igual aspecto pode ser visto em outras situações, por exemplo, na endometriose vaginal, resultante da retenção de sangue menstrual, no cisto ósseo aneurismático, na rânula etc.

Vulcão e Cratera na pele — Vulcão é conduto que liga a superfície da Terra a uma câmara íntima e profunda, a qual fornece o material magmático que aflora à superfície; montanha ou colina cônica feita de material vulcânico, formada ao redor do orifício de vazão (cratera) que expele ou já expeliu o material magmático (Aurélio).

O queratoacantoma é tumor benigno de pele, de crescimento rápido e consiste de nódulo cupuliforme, firme, bem delimitado, de 1 a 2,5 cm, cujo centro é crateriforme e repleto de material córneo. Essa configuração geométrica vulcânica é muito característica e útil ao diagnóstico clínico e histológico, permitindo diferenciá-lo do carcinoma espinocelular na maioria dos casos. Ainda no espectro geológico/comparativo o vulcão pode apresentar fase ativa, quando em erupção; inativa, quando dormente por longo período; e extinta, com cessação de toda atividade. O ciclo biológico do queratoacantoma é similar, pois tem crescimento rápido de alguns

meses, tende a involuir posteriormente (regressão espontânea) e até autocurar-se, deixando apenas uma cicatriz.

É digno de nota histórica e científica a primeira menção ao queratoacantoma. Trata-se da comunicação intitulada "A úlcera crateriforme da face: um tipo de câncer agudo" feita por Hutchinson, em 1889, à Sociedade de Patologia de Londres, incluindo observação de oito casos (Hutchinson, J. *Morbid growths and tumors*. "The crateriform ulcer of the face", a form of acute epithelial cancer. *Trans Path Soc London*, 40:275-281, 1889). Em seguida, um pequeno trecho da sua descrição: "a forma de doença maligna que devo descrever difere largamente do que se conhece como *ulcus rodens* (...) (denominação antiga do carcinoma basocelular ulcerado). É uma doença de crescimento muito rápido, enquanto se sabe ser o do *ulcus rodens* muito lento (...) Tenho o hábito, há muitos anos, de chamá-la *úlcera crateriforme*, um nome mais ou menos apropriado, graças ao fato de que ela toma a forma de um tumor grande elevado e então romper-se no centro, formando uma escavação profunda" (bas. em parte: Furtado, TA. *Ceratoacantoma e Processos Afins*. Tese de Concurso para Professor Catedrático. Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, 1962).

Entre as doenças infecciosas intestinais, uma das mais importantes é a colite pseudomembranosa, causada principalmente pelo *Clostridium difficile*. As toxinas produzidas por essa bactéria atuam sobretudo na mucosa colônica, provocando vários focos de inflamação aguda e formação de micro-abscessos. Com o tempo, a destruição focal da mucosa e o exsudato inflamatório aumentam em intensidade e, em dado momento, ocorre uma "erupção e/ou explosão" na superfície da mucosa similar à de um vulcão, com expulsão do exsudato fibrinopurulento: são as chamadas *lesões em vulcão*. À microscopia, esse aspecto é praticamente patognomônico dessa colite. A confluência das lesões forma as pseudomembranas, que consistem de uma mistura de muco, restos celulares, leucócitos e fibrina.

José de Souza Andrade Filho
Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra

José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.